

T2: "Evolução do conceito de civilidade" e "mudanças na agressividade", do livro *O processo civilizador: uma história dos costumes* (ELIAS, 1995).

Cecília Raffaelli; Felipe Pereira; João Ribeiro; Leandro Júnior;
Pedro Laurito; Vinícius Fernandes
Com contribuições dos grupos e do professor

Apesar de todas as suas dificuldades para desenvolver sua vida acadêmica (MORUZZI MARQUES, 2014), Norbert Elias construiu uma abordagem sociológica das mais instigantes, fundada notadamente em seu conceito de interdependência humana (RIBEIRO, 2010). Em sua obra sobre o processo civilizador, o autor analisa a evolução dos costumes em paralelo à formação do Estado Moderno. Trata-se de evidenciar a crescente sofisticação do comportamento humano em razão da incorporação de regras de conduta cada vez mais complexas. Norbert Elias examina assim as transformações dos padrões de violência, sexualidade, expressão corporal desde a época medieval, enfatizando o aumento dos sentimentos de repulsa e vergonha. O autor toma particularmente como fonte de estudo a obra de Erasmo de Rotterdam, no que se refere aos seus manuais de boas maneiras.

O Ocidente na Idade Média pode ser representado por uma oposição entre paganismo e cristianismo, ou como sugerido em diferentes materiais, entre, de um lado, o paganismo e a heresia (incluindo o cristianismo grego e oriental) e, de outro lado, o cristianismo “correto” romano-latino. A sociedade Ocidental durante a Idade Média se empenhou em guerras de expansão de território e de colonização de outros povos. O termo civilização leva consigo sempre um resquício das Cruzadas e do cristianismo latino.

Neste quadro, a palavra *civilité* corresponde a um significado associado à transformação de uma sociedade de cavaleiros guerreiros em cortesões. Essa expressão de civilidade representa profundamente uma formação social que se dissemina em diferentes nações.

De fato, o conceito de civilidade se propaga no início do século XVI, sobretudo graças a obra de Erasmo de Rotterdam, intitulada “Da civilidade em crianças”, publicada em 1530. O papel de Erasmo de Rotterdam foi decisivo para o amadurecimento do conceito.

Efetivamente, os significados associados ao termo correspondem a uma necessidade social da época. Erasmo de Rotterdam fornece com seu tratado para educação de crianças nobres orientações para a formação de novo padrão de comportamento que será cada vez mais a referência socialmente aceita nas sociedades ocidentais.

O autor destaca que atitudes consideradas hoje como bárbaras e incivilizadas eram corriqueiras entre nossos antepassados, o que pode causar desconfortos e embaraços. Assim, propõe que civilizado e incivil não são uma antítese, mas representam fases de um processo em desenvolvimento em curso ainda em nossos dias.

Em sua obra, Elias destaca que o homem possui uma estrutura emocional unificada, na qual instintos com funções diferentes, não são dissociados uns dos outros. Esses instintos ainda não são totalmente conhecidos, mas é certo que sua forma socialmente impressa é determinante para o funcionamento da sociedade e dos indivíduos que a compõem¹. Assim, a agressividade se refere a uma função específica da totalidade do organismo. Mudanças na agressividade indicam transformações na estrutura da personalidade como um todo.

¹ Em seus estudos, Norbert Elias se alimenta frequentemente dos conhecimentos da psicologia, o que constitui um dos pilares de sua abordagem sociológica.

A agressividade não é certamente uniforme atualmente nas diferentes nações ocidentais. Todavia, tais diferenças desaparecem quando comparadas com a agressividade de sociedades em estágio de pouco controle emocional. A impetuosidade dos guerreiros medievais é brutal e gigantesca em relação à agressividade dos indivíduos das nações civilizadas contemporâneas.

A agressividade foi “refinada”, bem como todas as formas de agir. Nos dias de hoje, a violência incontrolável e súbita é identificada como patológica. O aniquilamento e a tortura se tornaram aberrações a partir de um crescente controle social da violência pelo Estado, o que é incorporado gradualmente pelos indivíduos na forma de autocontrole.

Assim, se nos dias atuais, explosões emocionais violentas são vistas como perturbação patológica, nas sociedades medievais eram frequentes, não existindo poder social coercitivo e punitivo capaz de impedi-las. Exercícios de crueldade não baniam seus autores da vida social. O prazer em matar e torturar era vasto e socialmente aceito.

Na Idade Média, os indivíduos tinham, portanto, um padrão de comportamento muito agressivo. Desde cedo eram treinados e passavam a vida inteira se preparando para a guerra. A propósito, abordar a visão sobre a natureza do homem de dois grandes pensadores, Thomas Hobbes (1588-1679) e Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), pode ser bem útil aqui. Para o primeiro, em estado natural, os seres humanos vivem isolados e em luta constante, vigorando “a guerra de todos contra todos” ou “o homem é o lobo do homem”. Ou seja, o maior inimigo do homem é ele mesmo. Nesse estado, não há proteção e vigora o medo, principalmente, aquele de uma morte violenta. Para que haja proteção, um estado forte deve existir, permitindo um convívio social minimamente amistoso. Para Jean-Jacques Rousseau, em estado natural, os seres humanos vivem com o que a natureza lhes proporciona, sem lutas e com colaboração. Naturalmente assim o homem seria um “bom selvagem inocente”. Porém, para Rousseau, o estado de sociedade provocaria a guerra de todos contra todos. Para nossa reflexão, convém destacar que, para Elias, as duas interpretações seriam equivocadas, pois o natural do homem é sobretudo sua capacidade de aprender, o que depende do espaço-tempo no qual está imerso.

Voltando ao comportamento humano na Idade Média, é representativa a visão do homem medieval Jean de Bueil, para quem “a guerra é uma alegre empresa”, a batalha seria uma alegria nos corações das pessoas, associada a um sentimento de lealdade para com os próximos, cumprindo “mandamentos de Deus”. Nesta época, era considerado um dos momentos de mais alegria ver os corpos mutilados e mortos no chão. De fato, combates e brigas eram generalizados, a vida de burgueses por exemplo poderia ser caracterizada por suas rixas. Um dos grandes prazeres era atormentar a vida dos outros.

Com o processo civilizador, as emoções dos indivíduos passam cada vez mais a ser controladas, manifestações excessivas se tornam restritas e condutas mais passivas e previsíveis passam a ser a conduta socialmente aceita. Assim, atos violentos da Idade Média hoje são vistos como inconcebíveis. No estágio atual de civilização, a agressividade é socialmente permitida em certos âmbitos, sendo extremamente controlada por regras estritas (como no caso do boxe) ou sendo fictícias (como em filmes). Aliás, Elias considera que a visão é o sentido predominante nos dias de hoje, correspondendo a um homem mais passivo e disciplinado. O autocontrole passou a ser tamanho que pode ser considerado como natural do ser humano, comportamentos incontrolados pertenceriam a indivíduos “anormais”.

Enfim, a evolução dos padrões de agressividade das sociedades da Idade Média para a contemporaneidade ocidental é profundamente associada à formação do Estado, em particular ao seu monopólio de uso da violência legítima. Na Idade Média, o poder difuso e descentralizado implicava em situação em que cada um deveria se defender, o que é bem diferente de hoje com a existência de instituições específicas para garantia da segurança pública. Desse modo, os homens medievais eram condicionados para a luta e aprendiam desde cedo a se defender com armas, internalizando uma conduta

agressiva totalmente aceitável. Nos dias atuais, os indivíduos são protegidos pelo Estado e incorporam disposições para autocontrole das emoções e da agressividade, o que será estudado no A2.

Referências

CHAUI, Marilena (2012), *Iniciação à Filosofia*. São Paulo: Editora Ática.

ELIAS, Norbert (1995), *O processo civilizador*. Uma história dos costumes, volume 1, São Paulo: Jorge Zahar.

MORUZZI MARQUES, Paulo Eduardo (2014) “Reconhecimento de excelência nas Ciências Sociais: a trajetória de Norbert Elias em foco”. *Estudos de Sociologia*, v. 19, Araraquara: UNESP, p. 269-274.

RIBEIRO, Luci Silva (2010), *Processo e figuração: um estudo sobre a Sociologia de Norbert Elias*. Tese de Doutorado, Campinas: IFCS/UNICAMP.